

Klein pede união da oposição pela Constituinte

13 MAR 1981

ANC 82
 Pasta 80/81
 023/1981

Os representantes dos dois maiores partidos do Congresso fizeram ontem seus discursos de estréia na liderança de suas bancadas na Câmara. O primeiro a falar foi Odacir Klein (PMDB-RS), que pregou a necessidade de união dos partidos oposicionistas em torno da convocação de uma Assembléia Constituinte, seguido de Cantídio Sampaio (PDS-SP), que centrou sua fala na condenação da Constituinte como solução para os problemas nacionais.

"Se queremos devolver o poder ao povo, tirando-o das mãos da tecnocracia, unamo-nos todos." Assim Odacir Klein dirigiu-se aos oposicionistas, pregando uma ação conjunta em torno da democratização das leis que versam sobre o processo eleitoral e vida partidária.

Ao mesmo tempo, frisou que o PMDB não pretende, apesar de ser o maior partido de oposição, ser o seu condutor, mas se oferece "para uma caminhada conjunta com todos os partidos que desejem obstaculizar o objetivo dos detentores do poder, que é mantê-lo com a realização de eleições artificiais, onde, com menos votos do que a oposição, possa, o partido do governo, ter maioria de eleitos".

DIÁLOGO

O líder do PMDB enfatizou que o papel da oposição não é o de "subgerentes dos tecnocratas, ajudando a administrar a crise causada pelo autoritarismo", mas o de denunciar suas origens e defender a mudança da estrutura de poder que envidou o país e empobreceu a maioria dos brasileiros.

Por isso, condenou o condicionamento do processo de abertura política ao diálogo com a oposição, dizendo que esse tipo de conversação é um convite à co-administração.

"Não somos intolerantes — afirmou — e nem tememos com conversando com quem quer que seja, nossas posições sejam modificadas. O que não desejamos, no entanto, é participar de um diálogo condicionado, sob a ameaça de que pequenos avanços na legislação excepcionais estão sujeitos a nossa concordância prévia. Entendemos que nenhuma matéria pode ser submetida ao Congresso Nacional com prévio compromisso de que não seja emendada; discutida e que não receba a colaboração dos parlamentares visando a sua melhoria, aprovação ou rejeição."

Odacir Klein citou como exemplo o Estatuto dos Estrangeiros, aprovado por decurso de prazo, cujo texto o ministro da Justiça pretende melhorar. "No entanto — afirmou — para melhorar um pouco, quer o representante do Executivo a conivência da oposição para o restante do que está em vigor".

"Gostaríamos é que os líderes do governo nas duas Casas do Congresso Nacional ou o presidente de seu partido tivessem autonomia para desenvolver conversações a nível parlamentar, para chegarmos, não só no caso do Estatuto dos Estrangeiros, mas em todas as matérias, à aprovação do que resultasse da vontade dos representantes do povo" disse.

Odacir Klein lembrou o exemplo da UNE — União Nacional dos Estudantes —, que teve sua existência legitimada pelos estudantes, e o dos trabalhadores, "que superaram na prática dispositivos da draconiana Lei de Greve", para dizer que a luta do parlamento deve ser para se chegar a uma sociedade justa.

"Para chegarmos a ela, somente há um caminho: a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre, soberana e democrática, precedida da revogação de todo o entulho restante do autoritarismo" — afirmou.

O líder do PMDB recordou ainda o resultado positivo da candidatura do deputado Djalma Marinho à presidência da Câmara, como tentativa de valorizar o Legislativo, representado pela fala do presidente Figueiredo na Colômbia, quando pregou a necessidade de um Congresso forte.

Dirigindo-se aos oposicionistas, Odacir Klein conclamou-os, ainda, para serem "vozes de nossos irmãos oposicionistas de outros países da América Latina, que por viverem em negras ditaduras, não têm voz".

Havia em plenário, durante o discurso do líder do PMDB, quatro representantes do parlamento paraguaio. Compareceram ainda o deputado Ulysses Guimarães, e o líder no Senado, Marcos Freire (PE).

**Cantídio: Constituinte
 não resolve a economia**

"Os nossos males econômicos não se resolvem com Assembléia Nacional Constituinte", retrucou o líder do governo, deputado Cantídio Sampaio (SP), em resposta ao pronunciamento do líder do PMDB, deputado Odacir Klein (RS).

Para Cantídio Sampaio, ninguém resolve com Assembléia Nacional Constituinte os problemas da dívida externa que, segundo ele, se pagam com dólar e exportação e não com convocação de uma constituinte "que jamais fabricou moeda forte".

Disse ele, ainda, que "enquanto produzirmos por ano três milhões e meio de novos brasileiros é necessário criar anualmente um milhão e meio de novos empregos e isso não se faz com Constituinte e sim com poupança interna e externa".

O líder do PDS defendeu o diálogo entre oposição e Governo como forma de superar esses problemas, acentuando que nas "nações mais civilizadas" as oposições não têm esse preconceito e "sabem que dialogar não é render-se". Frisou que essa é a política do presidente Figueiredo, com vistas a encontrar soluções para os problemas comunitários.

O líder da maioria foi interrompido quatro vezes em seu pronunciamento por apertes dos parlamentares oposicionistas Herbert Levy (PMDB-SP), Israel Dias Novaes (PMDB-SP), Getúlio Dias (PDT-RS) e Alceu Collares (PDT-RS).

Para o líder do governo na Câmara, panacéias "como a Assembléia Nacional Constituinte" estão longe de contribuir para os males que nos afligem.

Com exceção do deputado Herbert Levy, que disse não ser, de imediato, um entusiasta da Assembléia Nacional Constituinte, todos os oposicionistas apertantes defenderam a convocação de uma Constituinte como a única forma de resolver a legitimidade do poder. "Ela não vai resolver os problemas que aí estão, mas vai distribuir responsabilidades num regime democrático e evitar, dentre outras coisas, que o líder da maioria na Câmara seja escolhido pelo presidente da República e não por sua bancada", argumentou o líder do PDT, deputado Alceu Collares (RS).

Por outro lado, em resposta ao convite para o diálogo proposto pelo presidente da República, o deputado paulista Herbert Levy lamentou a "total falta de diálogo por parte daqueles que conduzem a política econômica", responsáveis, acrescentou, pela punição da poupança nacional, que chegou a ser uma mercadoria que não devia ser segurada.